

RECENSÃO:

CAYUELA, AQUILINO. *Carmen Hernández*. Notas biográficas. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 2021.

Rafael Enrique Macedo

Bacharel em Teologia pela Pontifícia Universidade Lateranense, no *Centro de Estudos Filosóficos-Teológicos Redemptoris Mater* de Brasília.

A obra em questão, publicada pela editora espanhola Biblioteca de Autores Cristãos, em 2021, é fruto da necessidade da elaboração de uma biografia de Carmen Hernández dotada de certo rigor histórico, tendo em vista a abertura da causa do processo de sua beatificação, para o qual o relato da vida da pessoa em causa é um dos documentos imprescindíveis. Recolhe esta os frutos de cinco anos de investigação. Consta de testemunhos pessoais – palavras e recordações – de pessoas próximas à biografada, além das mais de 16.000 páginas que constituem os *Documentos Carmen Hernández*. A biografia tem como fio condutor o relato pessoal desta, como expõe o autor na introdução, sendo ele enriquecido com os frutos da pesquisa realizada.

O autor, Aquilino Cayuela, é membro do Caminho Neocatecumenal e missionário na Alemanha. Possui doutorado em Filosofia e Ciências da Educação e, também, licenciatura em Teologia. É professor e Prefeito de Estudos do *Studium Philosophicum-Theologicum* do Seminário Diocesano *Redemptoris Mater* de Berlim e, ainda, professor convidado no Instituto CEU de Humanidades Ángel Ayala, da Fundação de Humanidades São Paulo CEU, em Madri-ESP. Ademais, é autor e colaborador em diversas obras.

O livro encontra-se assim dividido: nas primeiras páginas, uma apresentação do Cardeal Antonio María Rouco Varela, um prólogo de Kiko Argüello, agradecimentos do autor e uma introdução. Em seguida, temos

a primeira parte, intitulada *El pálido lienzo de sus horas (1950-1964)*, que engloba o período do nascimento de Carmen, até o momento antes de conhecer e unir-se em missão com Kiko Argüello. Depois, tem início a segunda parte, sob o título *Ante mí se abren todos los caminos (1964-2016)*, relatando os anos de Carmen junto a Kiko Argüello, como iniciadores do Caminho Neocatecumenal, e o surgimento dos frutos desse carisma, chegando até o momento da morte de Carmen. Por fim, o livro apresenta três anexos contendo uma breve cronologia da vida da coiniadora desse carisma, sua atividade apostólica nele e uma relação das viagens internacionais realizadas fora da Espanha e da Itália.

Já na apresentação, o leitor pode encontrar nas palavras do Cardeal Rouco Varela o incentivo à leitura, pelo despertar da curiosidade em saber quem é esta mulher “forte e de indomável personalidade humana”, dotada de um carisma extraordinário. Kiko Argüello, no prólogo, após dar pinceladas sobre a vida de Carmen e sua relação com ela, sobretudo no que diz respeito ao Caminho, continua este despertar da curiosidade ao descrevê-la como “mulher excepcional, importantíssima para a Igreja, enamorada de Cristo, da Escritura e da Eucaristia”, destinando a obra para toda a Igreja, a fim de dar a conhecer essa “mulher extraordinária que viveu a fé em grau heroico”.

A primeira parte do livro é intitulada *El pálido lienzo de sus horas*, que são palavras do poeta indiano Rabindranath Tagore, pelo qual Carmen tinha certo apreço. Constituída de quatorze capítulos, essa parte da obra percorre a vida de Carmen desde o seu nascimento até sua viagem a Israel e seu regresso a Madri.

A narração mostra que Carmen, desde pequena, aprendeu a amar a Eucaristia, acompanhando sua mãe diariamente à missa. Recebendo uma educação e espiritualidade inaciana, sentiu-se inclinada desde cedo à figura de São Francisco Xavier. Sua forja espiritual durante a adolescência e juventude foi marcada pela Companhia de Jesus, destacando-se o padre Valentín Sánchez Ruiz, também confessor de São Josemaria Escrivá de

Balaguer, fundador do Opus Dei, e, ainda, o padre jesuíta Moisés Domenzáin, missionário no Japão, por meio do qual Carmen conheceu as Irmãs Missionárias de Cristo Jesus.

Como religiosa, ela estudou Teologia, concluindo os estudos com um trabalho de teologia espiritual intitulado "Necessidade da oração no pensamento de Pio XII". Esse trabalho foi recentemente publicado pela editora Desclée de Brouwer, na Espanha. A biografia conta a marcante experiência para a vida de Carmen, relatada por ela mesma, do sonho que teve durante os exercícios espirituais prévios à recepção dos primeiros votos.

O livro destaca ainda algumas figuras importantes na vida de Carmen. Além das citadas anteriormente, dedica-se a obra a falar do Servo de Deus Dom Marcelino Olaechea, arcebispo de Valência, pessoa com quem ela consolida uma profunda amizade e paternal confiança. Mesmo após a saída de Carmen do Instituto, a amizade durará até o falecimento deste bispo. Importante papel na vida de Carmen tem, também, o Pe. Farnés, um grande liturgista espanhol, a quem ela chama de Anjo do Getsêmani, devido ao momento de crise que ela sofria, por ter sido expulsa do Instituto. Por meio dele, Carmen conheceu a renovação do Concílio Vaticano II, descobrindo o Mistério Pascal, testemunhando ela que a *kenosis* que vivia permitiu-lhe compreender aquilo que Farnés ensinava. É nesse período que Carmen diz ter buscado refúgio na exposição de crucifixos do Museu Marès.

A primeira parte do livro termina com a viagem de Carmen a Israel. Testemunha ela que, na Terra Santa, onde revelação, palavra e geografia se fazem uma só coisa, abriram-se-lhe as Escrituras de uma maneira impressionante e que Deus cuidou dela em todo o percurso. Muitos dos acontecimentos foram importantes para sua missão futura como coiniciadora do Caminho Neocatecumenal. A sua relação com os Franciscanos possibilitou que estes, futuramente, intercedessem para a concessão do terreno no Monte das Bem-aventuranças, onde hoje está a casa de convivências Domus Galilaeae. A peregrinação aos lugares santos, por onde hoje passam tantos

irmãos que percorrem o itinerário neocatecumenal, é fruto também dessa viagem à Terra Santa.

Além disso, a pesquisa em que colaborou sobre a radiação lhe permitiu elaborar uma síntese entre teologia e ciência, manifestando este conhecimento em diversos momentos. A importante e central experiência em Ein Karen fez que ela compreendesse que sua missão na Igreja não é formar uma congregação, nem um movimento, mas renovar a Igreja. Esta experiência nos mostra que a Virgem Maria inspirou o Caminho aos dois iniciadores: a Kiko, no dia da Imaculada Conceição, em 1959, e também a Carmen, neste momento de Ein Karen.

Também foi importante a visita do Papa Paulo VI em 1963, sobretudo seu discurso na Basílica da Anunciação sobre a Família de Nazaré, como escola de iniciação para compreender a vida de Jesus. São estas palavras que ressoam dentro de Carmen quando escuta de Kiko as palavras de inspiração dadas pela Virgem Maria a ele. Ao conhecer a missão dos Companheiros de Jesus Carpinteiro, descobre a possibilidade de formação de equipe mistas de missionários com homens, mulheres e presbíteros, gérmem remoto das futuras equipes itinerantes. Nos tempos passados na rocha do Lago Tiberíades, no local do Primado de Pedro, pedirá ao Senhor que lhe mostre seu lugar na Igreja. Por fim, em Israel, reconcilia-se com a sua história, curando as feridas e entrando em paz com tudo e todos. Ao retornar para Espanha, passando antes pela Itália, Carmen retorna a Madri, pois suas amigas já não estavam mais em Barcelona. E, nesse período, por meio da sua irmã, conhecerá Kiko Argüello.

A segunda parte, intitulada *Ante mí se aben todos los caminos*, é uma reconstrução da vida de Carmen como coiniadora do Caminho Neocatecumenal, junto a Kiko Argüello. Eles se conhecem entre finais de setembro e início de outubro de 1964. Carmen buscava formar uma equipe para ir a Oruro (Bolívia), e via em Kiko um forte candidato. Assim, ela decidiu montar também uma barraca na região onde estava Kiko. Quando ela

participou de uma das reuniões que Kiko fazia, ficou impressionada com a resposta que os pobres de Palomeras Altas davam à Palavra de Deus.

Estas reuniões foram o gérmen das futuras celebrações da Palavras das Comunidades Neocatecumenais. Porém, Carmen se une verdadeiramente a Kiko Argüello apenas quando o arcebispo de Madri, dom Casimiro Morcillo, vendo esta realidade que nascia, apoiou-a e levou-a às paróquias. Começava, assim, a se concretizar aquilo que nem Kiko nem Carmen podiam compreender. Desse modo, observa-se que o Caminho nasce de uma experiência vivida e não de um projeto pré-concebido.

Da experiência da Palavra, segue-se a vivência litúrgico-sacramental e aparece a Comunidade. Assim nasce o que será o *Tripé* das comunidades do Caminho: *Palavra, Liturgia e Comunidade*. Kiko via realizar-se as palavras da Virgem Maria a ele no dia da Imaculada: "Há que se fazer comunidades como a Sagrada Família de Nazaré, que vivam em humildade, simplicidade e louvor; o outro é Cristo". Com o conhecimento dos padres, sobre esta realidade que nascia, começam a surgir os pedidos de evangelização nas paróquias.

Dessas primeiras experiências, Kiko e Carmen deram estrutura às chamadas catequeses iniciais ou fase de conversão, que, em 2010, foram aprovadas em definitivo pela Santa Sé e recolhidas no Diretório Catequético do Caminho Neocatecumenal. Não obstante, Carmen segue seus combates interiores, pela divergência entre aquilo que vivia e o projeto de missão para o qual se tinha preparado. Enquanto evangelizava, Carmen nunca parou de estudar, buscando sempre aprofundar seus conhecimentos teológicos, pastorais e sociais por meio de uma dedicação assídua.

A obra relata a chegada desta experiência de catecumenato em Roma no ano de 1968, por intermédio de Dom Dino Torreggiani. Destacam-se, desse período, a carta de apresentação do arcebispo de Madri na qual descreve pela primeira vez este carisma nascente como uma ação apostólica de evangelização entre os pobres e humildes para formar comunidades em comunhão com o bispo da diocese correspondente. E, ainda, é marcante a ida ao Santuário de

Pompeia, onde, levados por Dom Dino Torreggiani, Kiko e Carmen colocaram a evangelização do Caminho sob a proteção especial de Maria. A partir desse momento, a equipe de Kiko e Carmen receberá a presença de um presbítero. O primeiro foi o padre italiano Francesco Cuppini, do clero de Bolonha, que, com a permissão do Bispo, dedicou três anos na missão junto a Kiko e Carmen. Em seguida, o padre espanhol Jesús Blázquez, de Ávila. E, por fim, o padre italiano e missionário comboniano Mario Pezzi, que, desde 1982 até o momento atual, acompanha a Equipe Internacional do Caminho. Este teve com Carmen uma grande proximidade, comunhão e confiança; chamava-a de “mulher escatológica”, devido à sua capacidade de visão profunda sobre a evangelização.

O livro retrata, em seguida, a profunda comunhão suscitada nesta equipe durante o desenvolvimento de uma intensa evangelização. Carmen manifesta seu cansaço, dificuldade de compreensão, sobretudo em relação a sua família, e, ao mesmo tempo, um zelo enorme pelos irmãos e pelas comunidades que se formavam. No dia 8 de maio de 1974, acontece a primeira das muitas audiências do Caminho Neocatecumenal com o Papa Romano Pontífice. Na ocasião, Paulo VI reconheceu o Caminho como um modo consciente de viver a vocação cristã. Em 1977, diz a Kiko: “Sê humilde e fiel a Igreja e a Igreja te será fiel”.

Continua a biografia contando que, para conservar a comunhão no carisma que crescia consideravelmente, Kiko e Carmen pediram ao Senhor uma iluminação, pela intercessão de Maria, no dia da Assunção de 1977. Após pescarem 12 peixes raros, chamados “Céfalos”, entenderam eles que o Senhor lhes pedia para elegerem 12 irmãos do Caminho, testemunhas da Obra de Deus realizada até então. E, numa convivência de Itinerantes das Nações, por aclamação, elegeram 12 irmãos. Nesse período, Carmen encontra uma compreensão maior da sua história e da obra realizada por Deus, aceitando esta missão ao lado de Kiko.

Apesar do crescimento da missão, Carmen não experimenta nenhum triunfalismo; pelo contrário, vive um sofrimento interior existencial, sem

perder a confiança no Senhor. Experimenta a aridez e o vazio de falar em público. Mas encontra o consolo e sentido na experiência dos santos, de modo especial em São João da Cruz. Como cita Cayuela: nela “o Senhor serve-se desta constante prova interior no seu caminhar, para associar seu amor a Cristo, profundo e apaixonado, com a evangelização mesma”. Seus diários, publicados no Brasil pela Editora Vozes, são testemunhos desta especial união a Cristo.

Em continuação, relata o biógrafo os novos carismas que surgem no Caminho, como as famílias em missão, que são uma forma de evangelização através dos sinais de uma família cristã em meio aos pagãos, e as Missões *ad gentes*, uma forma eficaz de presença da Igreja e de evangelização. Esses novos carismas integraram-se eficazmente dentro da nova evangelização promovida por São João Paulo II. De fato, a relação deste papa com o Caminho foi histórica e crucial. Com Carmen, o papa polonês teve uma relação com certo grau de confiança.

A seguir, é destacado o surgimento das vocações no Caminho Neocatecumenal. Zelosos acerca delas, Kiko e Carmen viram que as Jornadas Mundiais da Juventude seriam uma forma de ação pastoral de grande ajuda para os jovens, surgindo, assim, os já também conhecidos encontros vocacionais realizados após o encontro com o Sumo Pontífice. Também com o apoio de João Paulo II, nasceu, em Roma e depois em tantas dioceses, os Seminários *Redemptoris Mater*, que possuem como característica a diocesaneidade, a missionariedade e a internacionalidade.

Os últimos capítulos da segunda parte do livro descrevem alguns fatos importantes para a consolidação deste novo carisma na Igreja. Assim, a aprovação definitiva dos Estatutos do Caminho Neocatecumenal, em 11 de maio de 2008, foi para Carmen um motivo de grande alegria. De modo igual ocorreu com a aprovação do Diretório Catequético do Caminho Neocatecumenal, em 26 de dezembro de 2010. A obra registra como esse processo tornou manifesto o amor e gratidão de Carmen para com a Igreja,

ao Papa e, também, sua vontade de definir sempre o Caminho como um andaime a serviço da mesma Igreja.

Outra questão central é a liturgia no Caminho, donde a visão teológica de Carmen é determinante, pois tinha um desejo claro de que se passasse do devocionismo à participação ativa, conforme diz o Concílio Vaticano II. Esta compreensão da liturgia no Caminho, sobretudo da Reconciliação e da Eucaristia, para Carmen, foi uma das motivações de sua vida, como demonstra o livro, defendendo sempre, malgrado as numerosas dificuldades, a celebração da Noite Pascal, as eucaristias semanais em pequenas comunidades após as primeiras vésperas de domingo e as celebrações penitenciais.

Outro aspecto importante para Carmen é a centralidade da Palavra de Deus na vida da comunidade (Igreja) e sua relação com as Escrituras. Tomando suas palavras, diz ela que, a Palavra precede, acompanha e ultrapassa as Escrituras, de modo que uma assembleia que proclama a Palavra é sempre mais que o livro; nela, o livro ganha vida, pois na assembleia o Espírito atua e vive nos cristãos. Em suas catequeses e discursos, Carmen ainda se preocupou pelo lugar da mulher na Igreja, também manifestou uma síntese antropológica fundada no encontro do homem com a revelação divina, que se manifesta também na geografia, na cosmologia, na física, na biologia etc. Carmen sempre teve um grande interesse pela renovação teológica do Concílio Vaticano II, sobretudo nos aspectos que dizem respeito à iniciação cristã. De fato, o Caminho Neocatecumenal está alicerçado no tripé Palavra, Liturgia e Comunidade, que é um reflexo das três constituições conciliares fundamentais: *Dei Verbum*, *Sacrossantum Concilium* e *Lumen Gentium*, respectivamente.

Os dois últimos capítulos da biografia narram as enfermidades que Carmen viveu no silêncio, em plena união com Cristo, e seus últimos dias antes de fazer sua passagem para a casa do Pai. O que se destaca nestes capítulos é que, apesar das doenças e enfermidades, Carmen não abandonou a missão em nenhum momento. Enquanto pôde, acompanhou Kiko e Mário na

evangelização. E ainda, conforme testemunha uma das irmãs que cuidavam dela, ela nunca deixou de rezar e, quando não podia rezar com o Saltério, seguia a missa e o rosário pela televisão e, ainda, escutava tudo o que dizia o Papa. Sua união a Cristo, por meio dos sacramentos e da oração lhe permitiu viver seus últimos dias em paz e serenidade em meio aos sofrimentos. Faleceu na tarde de 19 de julho de 2016. Em 21 de julho, celebrou-se o funeral na Catedral de Madri e ela foi sepultada no Seminário *Redemptoris Mater* de Madri. No local, milhares de pessoas, de diversos lugares do mundo, têm passado para pedir sua intercessão ou mesmo agradecer a Deus por haver recebido algum favor de sua parte.

Esta mulher, que amava a Cristo profundamente, deixou um legado na Igreja. Vivendo desde a infância unida de modo especial a Cristo, é exemplo de uma vida totalmente abandonada em Deus, seja em sua íntima relação com Cristo, seja no exercício do apostolado que, junto a Kiko Argüello, constitui hoje o carisma do Caminho Neocatecumenal.

A leitura desta biografia é enriquecedora a todos aqueles que buscam autênticos testemunhos cristãos e, neles, uma inspiração para a própria vida. Conhecendo a vida de Carmen, fica evidente que tudo o que pregou, vivia com intensidade e que, acima de tudo, sua única vontade era estar com seu Amado, a quem dizia inúmeras vezes: "Jesus mio! Te amo!". O rigor histórico adotado pelo autor no relato da vida de Carmen enriqueceu a composição da obra. Com as abundantes notas de rodapé, longe de tornar cansativa a leitura, a fez ainda mais cativante, trazendo informações que, mesmo às vezes periféricas, possuem conteúdos importantes que ajudam no melhor conhecimento da vida da biografada.